

Recebido em: 20 Fev. 2024

Aprovado em: 19 Mar. 2024

Publicado em: 30 Abr. 2024

DOI: [10.18554/rt.v17i1.7403](https://doi.org/10.18554/rt.v17i1.7403)

v. 17, n. 1 - Jan. / Abr. 2024

CARTOGRAFIA: SUA LINGUAGEM, NARRATIVAS E PRÁTICA SOCIAL

CARTOGRAPHY: YOUR LANGUAGE, NARRATIVES, AND SOCIAL PRACTICE

CARTOGRAFÍA: TU LENGUAJE, NARRATIVAS Y PRÁCTICA SOCIAL

Rodrigo Batista Lobato

E-mail: rodrigo.batista.lobato@uerj.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3449-5377>

RESUMO

O artigo visa analisar como esses diversos documentos cartográficos que chamamos de mapas, contribuem para a construção de narrativas e perspectivas sobre o mundo da vida, enfatizando as práticas sociais como a própria espacialização da vida através dos mapas, que molda e é moldada por percepções culturais e cotidianas. Os caminhos metodológicos para articular a pesquisa em questão, inicia-se por utilizar referências bibliográficas que não estão no circuito hegemônico da Cartografia e seus cânones, assim, os autores utilizados em sua maioria, embora bastantes conhecidos, estão em um circuito alternativo para pensar a Cartografia e o seu ensino no Brasil e buscou-se ainda, referências no campo da educação que abordam a linguagem como uso social. Além disso, foram selecionados mapas que fazem trazer narrativas e demonstram práticas sociais cartográficas no mundo da vida. Através desta exploração, constatamos como os mapas são construídos, narrados e interpretados dentro de contextos sociais específicos, refletindo as visões de mundo e os valores dos indivíduos e das sociedades que os produzem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem Cartográfica. Visão de Mundo. Cartografia Como Prática Social.

ABSTRACT

The article aims to analyze how these various cartographic documents that we call maps contribute to the construction of narratives and perspectives on the world of life, emphasizing social practices as the spatialization of life through maps, which shapes and is shaped by cultural and everyday perceptions. The methodological paths to articulate the research in question begin by using bibliographic references that are not in the hegemonic circuit of Cartography and its canons. Thus, the authors used are mostly well-known, yet they belong to an alternative circuit for thinking about Cartography and its teaching in Brazil, and references in the field of education that address language as a social use were also sought. In addition, maps were selected that bring narratives and demonstrate cartographic social practices in the world of life. Through this exploration, we observed how maps are constructed, narrated, and interpreted within specific social contexts, reflecting the worldviews and values of the individuals and societies that produce them.

KEYWORDS: *Cartographic Language. World View. Cartography as Social Practice.*

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar cómo estos diversos documentos cartográficos que llamamos mapas contribuyen a la construcción de narrativas y perspectivas sobre el mundo de la vida, enfatizando las prácticas sociales como la espacialización de la vida a través de los mapas, lo cual moldea y es moldeado por percepciones culturales y cotidianas. Los caminos metodológicos para articular la investigación en cuestión, comienzan utilizando referencias bibliográficas que no están en el circuito hegemónico de la Cartografía y sus cánones, así, los autores utilizados son mayoritariamente conocidos, pero están en un circuito alternativo para pensar la Cartografía y su enseñanza en Brasil, y se buscaron además, referencias en el campo de la educación que abordan el lenguaje como uso social. Además, se seleccionaron mapas que traen narrativas y demuestran prácticas sociales cartográficas en el mundo de la vida. A través de esta exploración, constatamos cómo los mapas son construidos, narrados e interpretados dentro de contextos sociales específicos, reflejando las visiones del mundo y los valores de los individuos y las sociedades que los producen.

PALABRAS-CLAVE: *Lenguaje Cartográfica. Visión Del Mundo; Cartografía Como Práctica Social.*

INTRODUÇÃO

O estudo dos mapas oferece uma janela fascinante para o entendimento de como os seres humanos concebem, comunicam e interpretam o espaço ao longo do tempo. Neste tipo de estudo é possível observar uma imersão nas múltiplas dimensões da Cartografia, explorando como essa prática, na qual consideramos milenar, vai muito além da simples representação de territórios em mapas, pois os processos de criação cartográfica, destaca-se por estarem intrinsecamente ligados às linguagens simbólicas, aos modos de comunicação e às perspectivas culturais que moldam e são moldadas pelas sociedades.

A partir dessa perspectiva, cabe-nos explorar também a ideia de que os mapas são construções culturais carregadas de subjetividade, refletindo as visões de mundo de quem produziu, podendo coadunar (ou não) com os valores da sociedade em que este indivíduo está inserido. Este artigo é um convite para olhar além da fria superfície mapeada, percebendo os mapas como documentos vivos que narram histórias espaciais sobre a organizamos o espaço em cada tempo histórico de cada sociedade.

Este enfoque nos permite ver os mapas não apenas como representações geográficas ou ferramentas de navegação, mas como espaços vibrantes de múltiplas vozes, discursos e perspectivas que coexistem, dialogam e às vezes entram em conflito. Diante disto, dispomos explorar como a Cartografia destaca sua dimensão polissêmica, refletindo como as linguagens, a comunicação e as visões de mundo são tecidas numa rica tessitura de significados e interpretações em nossas práticas sociais/acadêmicas/oficiais.

Neste trabalho não realizaremos uma discussão conceitual de forma densa sobre o que é mapa, visto que essa reflexão já foi bastante difundida, por exemplo temos textos clássicos

(Harley, 1989; Krygier e Wood, 2005) e outro mais recente (Lobato, 2020). Assim, a compreensão de mapa utilizado neste artigo é:

O mapa é um veículo de comunicação com uma linguagem cartográfica, fruto da transformação das práticas culturais, de uma visão e compreensão de mundo associada às nossas necessidades e objetivos a serem alcançados no cotidiano, e que possui apreensões polissêmicas. (Lobato, 2020, p.107)

Entretanto, cabe-nos trazer a reflexão de Corrêa (2008, p.22-23), no qual “o que faz um documento ser chamado de mapa tanto no século XXI quanto no século XVI? [...] “Antes de tudo, eles representavam fenômenos em suas posições, senão absolutas, relativas à posição de outros fenômenos”. O autor discerne que documentos cartográficos mesmo de períodos históricos diferentes são chamados de mapas, mesmo não possuindo os elementos que na atualidade são considerados indispensáveis para classificar tal documento como mapa.

Levando em conta Corrêa (2008) e Lobato (2020), sendo um mapa um veículo de comunicação, transformação das práticas culturais, uma visão e compreensão de mundo, e que possui apreensões polissêmicas, a título de exemplo, temos vários tipos de mapas: como memes com espacialidades, mapas infantis feito com desenhos à mão, mapas imobiliários, mapas nos APPs do *smartphone* (*Google Maps*, *Waze*, *Strava*, *Running*) entre outros que representam fenômenos em suas posições absolutas e relativas.

Diante disso, reconhecemos que os mapas são compostos por uma diversidade de discursos que refletem diferentes culturas, histórias e interesses. Essa abordagem enfatiza que cada elemento no mapa, cada simbologia, cada cor, cada forma geométrica e pictórica, podem ser vistos como uma voz distinta do seu autor que contribui para a narrativa geral, mas que também mantém sua própria identidade e perspectiva. Assim, como podendo emparedar, engessar e limitar a linguagem cartográfica com regras e convenções? Seemann (2023) também discorre sobre esta prática cartográfica de policiar as escolhas por regras e convenções que subvertem essa lógica.

A comunicação cartográfica, sob este prisma, torna-se um diálogo dinâmico entre diferentes visões de mundo. Os mapas funcionam como arenas onde diversas vozes culturais e sociais se encontram, confrontam e, por vezes, harmonizam-se. Desta forma, busca-se nesse diálogo novas possibilidades para entender como as sociedades se apresentam (se representam), negociam suas diferenças e constroem conhecimento compartilhado sobre o espaço, o lugar e cultura. A Cartografia, portanto, transcende sua funcionalidade prática para se tornar uma

prática social e um meio de expressão cultural (Seemann, 2013; Girardi, 2014; Lobato, 2020), refletindo a complexidade das relações humanas com o espaço.

O artigo tem como objetivo analisar como esses diversos documentos cartográficos que chamamos de mapas, contribuem para a construção de narrativas e perspectivas sobre o mundo da vida, enfatizando nossas práticas sociais como a própria espacialização da vida através dos mapas, que molda e é moldada por percepções culturais e sociais. Assim, demonstra-se que os mapas funcionam não apenas como ferramentas de orientação geográfica, mas também como poderosos veículos de expressão, representação e apresentação de uma cosmovisão.

Os caminhos metodológicos para articular a pesquisa em questão inicia-se por utilizar referências bibliográficas que não estão no circuito hegemônico da Cartografia e seus cânones, assim, os autores utilizados em sua maioria, embora bastantes conhecidos, estão em um circuito alternativo para pensar a Cartografia e o seu ensino no Brasil e buscou-se ainda, referências no campo da educação que abordam a linguagem como uso social. Além disso, foram escolhidos mapas que fazem trazer narrativas e demonstram práticas sociais cartográficas no mundo da vida.

Essa pesquisa tem como autores balisares: Lev Semionovich Vigotski, Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Patrícia Corsino para pensar a linguagem como uso social; e Gisele Girardi, Jörn Seemann, Jader Janer Moreira Lopes, Rodrigo Batista Lobato para pensar Cartografia como prática social e de uma cultura humana. A sua realização ocorreu em quatro etapas: 1. Revisão bibliográfica; Identificação e seleção dos mapas cotidianos; 3. Análise e discussão dos mapas cotidianos; 4. Conclusões para refletir.

Leitura, linguagem e a visão de mundo

Entendemos que a linguagem e suas diversas maneiras de apresentação de ideias e tradução do pensamento que são as responsáveis por transmitir a leitura do mundo, mas mundo da vida, isto é, aquele que faz parte da nossa vivência. Assim, é oportuno lembrar Vigotski (1993), ao destacar que a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, responsável pela mediação entre o indivíduo e o mundo. A linguagem exerce um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos, no pensamento e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações. De tal modo, tem-se aqui a fala de Oliveira (1995, p. 40) a esse respeito, “a partir de sua experiência com o mundo objetivo e do contato com as formas culturalmente determinadas de organização

do real (fornecidos pela cultura) que os indivíduos vão construir seu sistema de signo o qual consistirá numa espécie de código para decifração de mundo”.

É muito significativo considerar novamente Corsino (2003), por apontar que a relação do ser humano com o mundo é mediada pela linguagem. A palavra não é uma mera representação do mundo que cerca o sujeito, é a forma como o mundo lhe é significado pela linguagem verbal. É por meio dela que o mundo lhe é dado a conhecer é apresentado. Assim, ela sustenta que a palavra instaura a realidade, esta que é vivida. Neste estudo, sublinhamos que os signos, que, por sua vez, são elementos mínimos dotados de significado pontual de mundo dentro de uma determinada linguagem seja ela verbal ou não-verbal, representados por palavras, gestos, sons, cores etc., instauram e apresenta essa realidade selecionada.

Por sua vez, conforme Bakhtin (1992), a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. De tal modo, Corsino (2003), sustenta o raciocínio de Bakhtin e Freire, ao afirmar que a leitura da palavra não seria posterior à leitura de mundo, pois sem a palavra, na comunicação humana, não se poderia perceber a natureza sgnica de mundo.

Com essa compreensão e considerando o mapa como imagem, não podemos mais reproduzir a ideia de mapa com comunicação monossêmica, pela lógica bertaniana na qual é difundida pela Cartografia Temática na atualidade, isso porque, somos seres com polivocalidades, seres polissêmicos.

Mais uma vez, Patrícia Corsino, traz a noção da compreensão da leitura que será feita a partir do enunciado através de uma linguagem, visto que:

Para conseguir ler um texto, o leitor precisa perceber sua textualidade discursiva e estabelecer um diálogo com ele. Para isto, é importante identificar o locutor, o lugar da enunciação e o universo daquele discurso. Conforme a autora, neste processo dialógico, entra em cena a sua subjetividade, com seus desejos, seus acervos, suas memórias, sua história, todas as vozes que o compõem e, em última instância, a sua percepção extra-sensível (Corsino, 2003, p. 82).

De acordo com Bakhtin (2003, p. 261), a linguagem “efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Logo, é possível compreender que, no cotidiano, durante as interações, utiliza-se o processo enunciator, isto é, sentidos completos destinados a alguém, situados em um determinado contexto social e histórico.

Pensando dessa forma, Bakhtin (2003, p. 261) deixa claro que, “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou

triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Cabe-nos compreender que assim como a palavra é um signo socialmente construído, a imagem também é, e por isso, ambas para a sua compreensão possuem também um caráter tanto ideológico quanto vivencial. A exemplo da palavra/imagem, podemos citar as expressões regionais.

Quando pensamos nesse sentido ideológico ou vivencial, para Hall (1997), as formas simbólicas (FS) são representações da realidade e traduzem os significados que são criados pelos mais diversos níveis de produtores de informação. Como exemplo de formas simbólicas pode-se citar monumentos diversos, como templos, estátuas, obeliscos, memoriais (Corrêa, 2013), ou mesmo, como Rosendahl e Corrêa (2013) apresentam, através das palavras, dos gestos e dos adornos.

Hall (1997) considera que as formas simbólicas são o resultado ou produto de práticas culturais, ou seja, das ações humanas de atribuição e comunicação de significados. Posto isso, essas FS revelam-se no espaço geográfico por meio de sistemas simbólicos, criando formas simbólicas que também podem ser espaciais.

Afirmamos que linguagem é um produto social das práticas culturais, no qual a sua transmissão é a própria enunciação que, por meio dela, manifesta-se de inúmeras maneiras, desde uma simples palavra, passando por um simples gesto indo até às cores e aos símbolos mais complexos, tudo isso no espaço vivencial, mas também, nos mapas.

Seemann (2003) considera que é comum tratar a Cartografia como linguagem de comunicação que se fundamenta nas teorias linguísticas de Ferdinand de Saussure, responsável por uma geração inteira de estruturalistas, não apenas na sua própria área, mas também na Antropologia (por exemplo, Lévi-Strauss) e na Cartografia (Jacques Bertin).

Ainda nesta reflexão do uso de convenções da linguagem cartográfica nos mapas, Seemann (2020), sinaliza que a concepção de símbolos como relações entre significado e significante e os problemas do modelo semiológico de Saussure que interpreta a cartografia como língua em vez de linguagem.

Pode-se dizer, então, que o ponto levantado por Seemann é justamente o paradoxo daquilo que foi discutido até o momento, pois, se este trabalho está afirmando que a Cartografia também é uma linguagem, tem-se essa contraposição pelo entendimento apresentado pela Cartografia Temática (Martineli, 2014) e uso da semiologia gráfica e suas variáveis visuais (Bertin, 1973), na qual, essa visão concebe a linguagem cartográfica como uma língua com seu próprio sistema de signos verbais (vocabulário) e regras específicas para o emprego e

organização de uso desses signos (gramática) para efeito de comunicação, além das perspectiva de comunicação monossêmica do mapa.

Deste modo Seemann concebe que existe, portanto, uma diferença no entendimento entre língua e linguagem na Cartografia. É oportuno lembrar que a Pedagogia vem afirmando que as crianças precisam se desenvolver livremente, através do lúdico. Nisto, o mundo simbólico, propiciado pela aquisição da linguagem, não é pronto e acabado, muito pelo contrário, com o passar do tempo, vai ocorrendo a apropriação da linguagem devido às relações sociais que são estabelecidas com os outros em seu meio.

Faz-se necessário desenvolver essa linguagem cartográfica articulando teoria a prática cotidiana, sendo este um dos desafios na docência, seja dos cursos de Licenciatura em Geografia, seja também com os Professores de Geografia na Educação Básica. Nisso é válido lembrar a contribuição de Bakhtin (1992, p. 112) pois “a linguagem é uma prática social cotidiana que envolve experiência do relacionamento entre sujeitos”.

A linguagem cartográfica, com seus símbolos é essencial para desvendar essas camadas de significado, permitindo-nos perceber como diferentes culturas e poderes moldam e são moldados por diferentes lógicas para espacializar.

Diante disto, estudar a linguagem dos mapas é um convite à reflexão sobre a própria natureza da percepção humana e sobre as múltiplas maneiras pelas quais construímos e interpretamos o mundo à nossa volta, evidenciando que cada mapa é um documento que reflete não apenas territórios, mas também visões de mundo, ideologias e histórias em constante evolução da vivência humana.

LINGUAGEM, PRODUÇÃO DE SENTIDO E PRÁTICAS SOCIAIS

Precisamos quebrar o paradigma entre língua e linguagem e entendermos que a Cartografia possui uma linguagem de cunho gráfico/visual e ela é uma prática social. Mas percebemos estar tão distante da Cartografia ser entendida como parte das nossas práticas sociais contemporâneas e sobre isso, Girardi (2014, p.89), já evidenciava essa reflexão, observando “desconexões entre perspectivas de leitura de mapas. Se perguntarmos onde e como se aprende a ler mapas, vislumbraremos ao menos dois caminhos: na escolarização e nas atividades cotidianas”, por exemplo, o uso do APP do *Google Maps* para motoristas procurarem uma rota ou o uso do APP *Strava* para registrar o percurso que se faz em um passeio de bicicleta.

De tal maneira, ao refletir por esses caminhos apontando pela da Professora Gisele Girardi, complementamos que tais práticas cartográficas são práticas socioespaciais, ou seja, práticas cotidianas vivenciadas e usuais no dia a dia cidadão pelo seu espaço vivido.

Quando Girardi (2014), discorre que o aprendizado da leitura de mapas ocorre na escola, vale perceber que o currículo vigente e praticado para o ensino de Cartografia ainda é o currículo Dente-de-Sabre (Seemann, 2015), e contribui para que essas crianças saiam da escola sem saberem correlacionar a Cartografia com suas práticas cartográficas socioespaciais. De fato, a escola e seu currículo defasado visam ensinar as crianças a lerem os mapas oficiais/tradicionais, embora esse ambiente escolar não discuta o que é e a importância da linguagem visual em suas ementas e livros didáticos.

Assim, aponta-se que parte desses indivíduos saem desse ensino formal não reconhecendo (ou reconhecendo de forma limitada) o que é e para que serve a Cartografia, sem saber que ela possui uma linguagem associada e muito menos discernindo que no uso dos mapas temos práticas socioculturais, pois estamos inseridos em uma sociogênese cartográfica (Lobato; Lopes, 2021).

Por conta disso, vale então mergulhar um pouco no sentido de linguagem, enquanto produção de sentido para quem emite, assim como para quem recebe. Desta forma, escolheu-se basilar nessa referida discussão fora campo epistemológico cartográfico para pensar a linguagem, com Vigotski (1993), Bakhtin (1992) e Corsino (2003).

Patrícia Corsino (2003) em sua tese de doutorado compreende a linguagem como capacidade de simbolizar, de dizer o mundo, de se expressar e de se comunicar o que há de mais humano no homem. Percebe-se, então, que o ser humano é naturalmente simbólico e isso independe de classe e de *status* social, de condição econômica ou ainda do nível de escolaridade que venham a ter, pois o sujeito humano encontrará um jeito, que é inato a ele, para se expressar e simbolizar as coisas que o rodeia, fazendo uso de uma determinada linguagem. Nesse sentido, percebe-se o quão antigo e também o quão atual é o uso da linguagem, logo, apresentando-se algo tão relevante e proveitoso em se desvendar.

Deste modo, a visão de mundo que o indivíduo em sociedade adquire, desde a primeira infância, esse tipo de visão só é possível por meio de diversas linguagens a que a criança é submetida em sua convivência social vivenciada e que ela irá reproduzir, fazendo uso das respectivas linguagens aprendidas no senso comum, tal como Lobato e Silva (2020) trataram.

Esse não foi o olhar da maioria dos profissionais que pensam a Cartografia, visto que a ideia hegemônica se dá por um meio técnico, matemático e computacional para transmitir a

mensagem de forma precisa, com regras, com convenções, uma gramática cartográfica e com uma mensagem monossêmica do mapa.

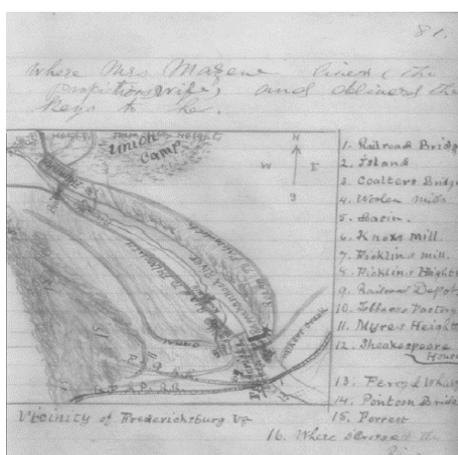
Traz-se o sentido de linguagem nessa contramão para pensarmos a Cartografia, na qual Corsino (2003, p. 65), considera que a linguagem “pela sua diversidade de formas e manifestações e por pertencer ao domínio individual e social, tem um caráter multidisciplinar e vem sendo estudada por várias ciências como: a Semiologia, a Linguística, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia entre outras, e sob diferentes enfoques”.

MAPAS E SUA LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

Corsino (2003) ao afirmar que a linguagem é uma expressão humana por excelência, não meio, mas sim manifestação. Como exemplo dessa linguagem cartográfica enquanto expressão humana por excelência, temos o mapa de John Washington, uma pessoa escravizada que foi liberta nos Estados Unidos e compartilhou suas memórias através de vários mapas contidos em seu livro *Memorys of the Past*. Assim, observamos como o ser humano que vive integrado no contexto de um grupo social e faz parte de uma sociedade marcada por uma cultura, faz uso de uma linguagem visual para se expressar, pois de certa forma, teve acesso a mesma.

Ao se debruçar nessa literatura, Hanna (2012) define como o mapa notável localiza as experiências de Washington como um escravo, os seus atos de resistência e a rota de sua fuga da escravidão, em 1862. O mapa de Washington é tanto uma obra de memória quanto um raro exemplo de uma prática cartográfica subalterna, vide a Figura 1.

Figura 1 – Mapa de John Washington de Fredericksburg, Virgínia (reimpresso por acordo com o Alice Jackson Stuart Family Trust).



Fonte: Hanna (2012).

O que chama atenção deste trabalho é justamente Stephen Hanna chamar essa Cartografia de subalterna, mas esse termo de que ele faz uso, não é para depreciar o mapa e o mapeador. Pelo contrário, é uma maneira de mostrar como Washington vai na contramão, pois ele não tinha legitimidade para fazer uso dessa expressão humana em sua época, mas buscou fazer um mapa como um cartógrafo deste período. Usando um papel pautado, o autor se esmera em confeccionar um mapa com as premissas técnicas de um documento cartográfico em seu contexto histórico, no qual, valorizavam as técnicas cartográficas, com um desenho próximo da realidade, legendas, topônimos, rosas dos ventos e um título.

Podemos classificar a prática de cartográfica de John Washington, a partir de Seemann (2010) pelo nome de contra-mapeamentos, ou ainda concebido por Girardi (2012) chamado de mapas alternativos, ou em outra concepção por Lopes e Muniz (2023), espacialização da vida, pois narram as suas vivências de forma especializada. O que esses autores têm como núcleo comum, é apresentar um caminho inverso de uma prática cartográfica científica/acadêmica/oficial, esta que é apresentada como sendo a única forma correta de mapear (nos espaços formais de educação universitária e escolar).

De tal maneira, Hanna (2012), salienta que o mapa de Washington é tanto um mapa da memória quanto uma subprática cartográfica alternativa e subversiva. O autor complementa que, além disso, é um mapa que não se enquadra perfeitamente nas categorias tradicionais de literatura cartográfica. Mas não se adequa por ser foi feito por uma pessoa negra, uma pessoa escravizada que foi liberta, mas legitimar o seu mapa, era o mesmo que empoderar intelectualmente uma pessoa que invisibilizada nesta sociedade.

Apesar deste trabalho trazer os termos prática cartográfica subalterna, contra mapeamentos e subprática cartográfica, mapa alternativo e subversivo, vale dizer que, esses termos não são considerados, neste artigo como pejorativos, pelo contrário, pois coadunam com a forma como tais mapas foram confeccionados, não seguindo os padrões da Cartografia Oficial ou serem produzidos por quem, em tese, não tem legitimidade para isso, por não seguirem os rigores cartográficos para realizar o mapeamento.

Tomando como referência esse tipo de análise, percebemos que o mapa de Washington serve como um exemplo dentre muitos mapas que, nos dias de hoje, são subestimados e categorizados como não mapas, ignorando-se os autores e suas contribuições culturais através da Cartografia, e sua apresentação de mundo por desenhos de fenômenos espaciais que chamamos de mapa.

Ainda observando o mapa de Washington, na figura 01, Hanna (2012) destaca que Washington marcou lugares significativos em sua memória com números, e esses recursos são identificados por nome em uma legenda no lado direito da página.

Vale a pena, mais uma vez, trazer o pensamento de Patrícia Corsino (2003), pois, quando a mesma afirma que a linguagem é uma expressão humana por excelência, complementa-se que essa expressão humana é também uma prática cotidiana e vivencial; logo, considerando a linguagem cartográfica por esse viés, entende-se que a linguagem cartográfica faz parte também dessa expressão humana que se converte em uma prática social.

Outro exemplo, está em uma vivência ocorrida no município do Rio de Janeiro, no dia 06 de fevereiro e 08 e 09 de abril de 2019, no qual o município alcançou índices pluviométricos considerados acima do normal, com a Secretaria de Defesa Civil deste município decretando, inclusive, em estágio operacional quatroⁱ. Neste contexto de chuvas intensas, umas das imagens que surgem para comunicar (com humor, apesar da situação trágica) que a cidade ficou debaixo d'água, fez-se o uso da linguagem cartográfica, assim temos um memeⁱⁱ cartográfico que circulou pelas redes sociais, isto é, mapas como crônicas (Lobato, 2020).

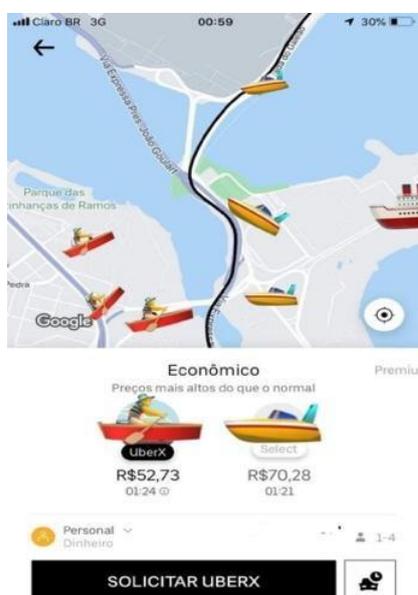
Conforme as pessoas refletem sobre os acontecimentos passados, especialmente o episódio de chuva mencionado anteriormente, surge a necessidade de comunicar os impactos desses eventos de alguma forma. A abordagem mais convencional envolve o uso da linguagem verbal e visual, principalmente através da cobertura feita pelos telejornais e jornais impressos, todavia, o exemplo a seguir, usou outra linguagem visual.

Para exemplificar essa crônica por meio dos mapas por meio de meme, trazemos aqui o exemplo do mapa do aplicativo de motorista particular, UBER. Sabe-se que, com o desenvolvimento científico, pelo uso da geoinformação e da estrutura digital tornou-se possível coletar o posicionamento dos topônimos pelos satélites e, com isso, possibilitou-se a visualização através dessa linguagem cartográfica. Mas, tratando-se de uma linguagem visual para apresentarem as crônicas cotidianas, as Figuras 2 e 3 acrescentaram uma simbologia que, por si só, não precisa de legenda para retratar o contexto pluviométrico e caótico no qual diversos lugares ficaram alagados.

De tal forma, todos esses mapas como crônicas e toda comunicação feita por eles, possuem uma intenção, mesmo que seja para tratar com sarcasmo um problema catastrófico, mas, é latente o mapa enquanto uma prática social dessa sociedade urbana/rural e sobretudo que faz uso dos *smartphones*, e dessa forma, foi utilizado um mapa do aplicativo de motorista particular UBER.

As Figuras 2 e 3, surgidas como também imagens virais nas redes sociais de autor(es) desconhecido(s), deu um toque sutil, pois verifica-se na atitude de se trocar os o signo que simboliza o transporte utilizado, isto é, o ícone do carro para barco, inclusive com a valoração do serviço de acordo com o tipo de barco, sem precisar de legenda para compreensão da mensagem, do simbolismo e da narrativa da imagem, pois o autor se apropriou da linguagem cartográfica com uma simbologia para narrar e retratar um acontecimento vivenciado em um local específica de sua cidade, mas que afeta todo o entorno.

Figura 2 – Uso do mapa de aplicativo para retratar a situação na cidade do Rio de Janeiro após a chuva do dia 06 de fevereiro de 2019



Fonte: WhatsApp, 2019.

Figura 3 – Uso do mapa de aplicativo para retratar a situação na cidade do Rio de Janeiro após a chuva do dia 08 e 09 de abril de 2019, porém, com a base topográfica de Recife-PE



Fonte: WhatsApp, 2019.

Todavia, uma questão no mínimo intrigante observada, é que a narrativa dos dois mapas fala do mesmo lugar, mas os dois mapas são de municípios diferentes e essas diferenças não se dão dentro das cercanias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, todavia, isso não atrapalha a comunicação da mensagem. O primeiro mapa, da figura 02, seleciona, em conjunto, a área do Complexo da Maré, da Ilha do Fundão e da Ilha do Governador, com destaque para o nome oficial da via expressa Presidente João Goulart, conhecida também como Linha Vermelha.

Por sua vez, o segundo mapa retratado na figura 03, ainda fazendo alusão ao evento chuvoso do dia 06 de fevereiro de 2019 na mesma cidade, faz uso de uma base cartográfica da cidade de Recife, no estado de Pernambuco (PE), ao fazer uso da licença poética para tratar com bom humor (ou humor sarcástico) com uso da linguagem cartográfica, diz que tudo está alagado, destacando a toponímia ser “Afogados”, significando oportunamente a referida submersão do Rio de Janeiro por meio de uma diálogo intertextual com o famoso bairro homônimo situado na zona oeste recifense. Ao pesquisar a origem desse nome geográfico, verifica-se que nada tem a ver com o fato de chover muito naquela região de Recife, como é informado pela Fundação Joaquim Nabuco:

Cabe explicar que a razão desse nome, segundo o escritor Diogo Lopes de Santiago, do século XVII, advém do fato de muitos indivíduos, principalmente os escravos negros, se afogarem ao tentar passar pelo rio Cedros - um braço do rio Capibaribe que, partindo do lado da Madalena, saía pela Ilha do Retiro, beirava o subúrbio da localidade e alcançava o coração do Recife. Durante a maré cheia, esse rio se tornava muito arrebatado e furioso. Daí muitos indivíduos que desconheciam o perigo, ou que não tinham paciência para aguardar a maré baixar, terminavam morrendo afogados durante a travessia. (Vainsencher, 2016, p. 45).

Considerando o apresentado, a perspectiva de Vigotski indica que a conexão entre o pensamento e a palavra não se constitui como uma entidade finalizada, e sim como um processo em fluxo contínuo, caracterizando-se por um intercâmbio constante entre pensamento e palavra, e reciprocamente.

Outro exemplo para demonstrar como a Cartografia, através de sua linguagem, expressa o pensamento geográfico sobre o espaço (Lobato, 2020), pode ser apresentada de forma recorrente pela interface do mapa do UBER, que ocorreu no dia 23 de outubro de 2023, após 35 ônibus serem incendiados na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, afetando uma parcela da população carioca. Este evento não causou somente transtorno no trânsito pela falta de transportes coletivos, pela paralisação de vias pelos ônibus queimados, mas deixou também o medo na população em circular pelas localidades diretamente afetadas, como a possibilidade

dessa ação se alastrar por outras áreas. A Figura 4, a despeito do contexto de pânico, surge mais uma vez como um carto-meme para comunicar uma crônica carioca, ao trocaram os veículos de passeio por tanque de guerra e carro blindado.

Mais um exemplo para elucidar como a Cartografia, por meio de sua linguagem, traz à tona o pensamento geográfico sobre o espaço virtual, nos mostrando que, na verdade, este espaço mostrado é uma apresentação das relações sociais no espaço geográfico concreto.

Observa-se, nesses mapas apresentados nas Figuras 5 e 6, a ideia de uma análise espaço-temporal, na qual o blog XKCD¹, que é especialista em HQ's, usou a linguagem cartográfica para apresentar a espacialização dos usuários de diversas plataformas na internet, assim como territorializou as empresas, como se fossem países, que comercializam esse tipo de serviço. É pertinente ainda observar que esses países e territórios não são correspondentes aos limites do mapa-múndi, mas criou-se uma representação geográfica fictícia para se apresentar essa espacialidade, de acordo com a influência de cada programa utilizado.

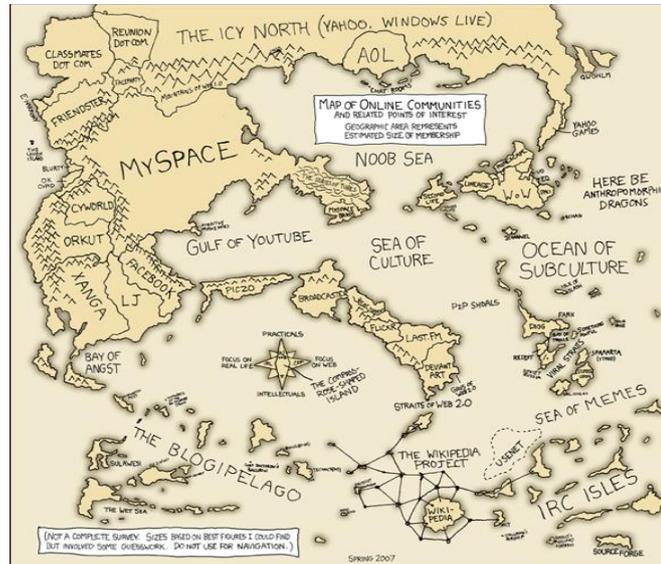
Figura 4 – Uso do mapa de aplicativo para retratar a situação na cidade do Rio de Janeiro após a queima de ônibus do dia 23/10/2023



Fonte: WhatsApp, 2023.

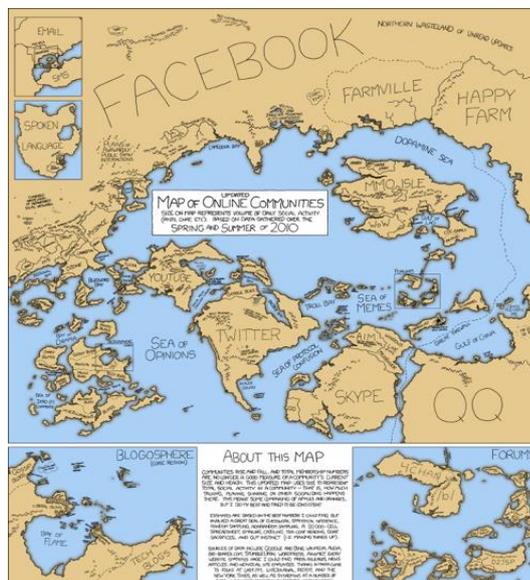
¹ <https://blog.xkcd.com/>

Figura 5 – Mapa das comunidades online de 2007



Fonte: <https://xkcd.com/802/>

Figura 6 – Mapa das comunidades online 2010



Fonte: <https://xkcd.com/256/>

Por fim, a linguagem cartográfica pode ainda ser usada para exprimir sentimentos, experiências ou mesmos atitudes das nossas práticas humanas, que, e assim comunicá-las como se tivessem uma posição geográfica no mundo. Sabe-se que espacializar sentimentos em si é algo abstrato. Todavia, o autor do mapa da Figura 7 fez um mapa da procrastinação, criando

em que você vai e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, para o autor, implicam reescrever o mundo.

Girardi (2014) ao parafrasear Paulo Freire, salienta que o ato de ler mapas não se esgota na decodificação pura de seus elementos (sinais gráficos e palavras), mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo e que a leitura do mapa não é apenas precedida pela leitura do mundo.

Neste contexto, a sabedoria de Paulo Freire e a reflexão de Girardi convergem para uma compreensão profunda de que a Cartografia é mais do que a habilidade técnica de interpretar mapas; é um diálogo contínuo entre o indivíduo e o mundo, um processo de descoberta e redescoberta que transcende a superfície do papel. Ao ler um mapa, não estamos simplesmente navegando por linhas e símbolos; estamos engajando em uma leitura crítica do mundo da vida, integrando nossa experiência vivida com a representação espacial diante de nós. Essa interação entre “ler mundo” e “ler palavra” no contexto da Cartografia nos permite não apenas compreender o espaço geográfico, mas também participar ativamente na sua reinterpretação e reescrita.

A GUIA DA CONCLUSÃO

A linguagem cartográfica, revela a complexidade e a riqueza deste campo. A Cartografia transcende a mera criação de mapas, pois ela é uma prática enraizada nas mais diversas dimensões da experiência humana, moldada e moldando em retorno as linguagens simbólicas, os modos de comunicação e as perspectivas culturais. Este artigo buscou não apenas apresentar os mapas para além de representações estáticas do espaço, mas como documentos vivos, carregados de subjetividade, que narram e reescrevem continuamente as histórias dos espaços que apresentam e representam.

Através desta exploração, buscou-se notar como os mapas são construídos, narrados e interpretados dentro de contextos sociais específicos, refletindo as visões de mundo e os valores dos indivíduos e das sociedades que os produzem. Assim, a Cartografia se apresenta como um campo fértil para a investigação da relação entre espaço, conhecimento e poder, oferecendo perspectivas únicas sobre como as sociedades entendem e organizam o mundo ao seu redor.

Este diálogo entre “ler mundo” e “ler palavra”, discutido por Paulo Freire e reinterpretado no contexto da leitura de mapas, ressalta a importância de se ver a Cartografia não apenas como uma técnica, mas como uma forma de linguagem que participa ativamente na construção de significados e na negociação de identidades e diferenças. Os mapas, portanto, não são apenas ferramentas de orientação e eles são, acima de tudo, meios pelos quais as pessoas

comunicam suas experiências, suas crônicas e seus medos, por memes ou mapas cotidianos, mostrando-se como prática social.

Em suma, a Cartografia, em sua essência, é um ato de comunicação profundamente humano, uma forma de linguagem que nos permite não apenas interpretar o mundo ao nosso redor, mas também imaginar mundos possíveis. É uma prática que, ao longo da história da humanidade, tem sido fundamental não só para a compreensão geográfica, mas também para a compreensão de nós mesmos e dos outros, um ser e estar no mundo. Assim, ao nos debruçarmos sobre os mapas, somos convidados a ler entre as linhas, a reconhecer as múltiplas camadas de significado que eles contêm e a participar na constante reescrita do mundo.

Conclui-se, portanto, que a linguagem, em todas as suas formas, carrega intrinsecamente significados e intenções, seja ela manifesta através de gestos, palavras ou imagens. No que tange à linguagem espacial, esta se vale dos mapas como instrumentos essenciais para comunicar práticas sociais e expressar nossas visões de mundo. Os mapas, assim, transcendem a sua função primária de orientação ou representação geográfica, tornando-se veículos poderosos através dos quais compartilhamos, interpretamos e até mesmo negociamos nossa compreensão do espaço e do lugar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1992.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERTIN, J. **Sémiologie graphique: les diagrammes, les réseaux, les cartes**. 2. Ed. Paris: Mouton, Gauthier-Villars, 1973.

CORRÊA, D.C. Cartografia Histórica do Rio de Janeiro: **Reconstituição Espaço- Temporal do Centro da Cidade**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2008.

CORRÊA, R. L. **Monumentos, política e espaço**. In: Geografia Cultural: uma antologia volume II. CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Orgs) Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

CORSINO, P. **Infância, linguagem e letramento: educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

- GIRARDI, G. **Mapas alternativos e educação geográfica**. PerCursos, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 39-51, 2012.
- GIRARDI, Gisele. **Modos de ler mapas e suas políticas espaciais**. Espaço e Cultura, [S.l.], p. 85-110, 2014.
- HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.
- HANNA, S. P. **Cartographic Memories of Slavery and Freedom: Examining John Washington's Map and Mapping of Fredericksburg, Virginia**. Cartographica The International Journal for Geographic Information and Geovisualization, 2012.
- LOBATO, R. B. **Multiletramentos na Cartografia**. Tese de doutorado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.
- LOBATO, R. B.; LOPES, J. J. M. Protagonismo Infantil e Cultura Cartográfica: as crianças e a pandemia. **Revista Tecnologias na Educação**, v. 13, p. 1-13, 2021.
- LOBATO, R. B.; SILVA, G. C. Cartografia e Literatura: **entre mapas e narrativas**. Humanidades & Inovação, v. 7, p. 261-274, 2020.
- LOPES, J. J. M.; MUNIZ, B. F. C. **Mapas vivenciais e espacialização da vida**. Porto das Letras, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 321–335, 2023. DOI: 10.20873.mvev1. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/15710>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F.; AMORIM, C. C. Mapas Vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, p.237-256, jan/jun., 2016.
- MARTINELLI, M. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. 6a Ed., 2a reimpressão.– São Paulo: Contexto, 2014.
- OLIVEIRA, Z. M. R. **Interações Sociais e Desenvolvimento: A Perspectiva Sociohistórica**. CADERNOS CEDES: Implicações do Modelo Histórico Cultural. 35, 51-64, 1995.
- ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Geografia cultural: apresentando uma antologia**. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) Geografia Cultural: uma antologia volume II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- SEEMANN, J. **Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade**. Geografares, Vitória (ES), v. 4, p. 49-60, 2003.
- SEEMANN, J. **Cartografia e cultura: abordagens para a Geografia Cultural**. In: Temas e caminhos da Geografia Cultural. ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org). – Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- SEEMANN, J. Menino é azul e água no mapa também: cartografia, cores, convenções e cultura. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 23–44, 2020.

DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.909. Disponível em:
<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/909>. Acesso em: 19 nov. 2023.

SEEMANN, J. **Carto-crônicas**: uma viagem pelo mundo da cartografia. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SEEMANN, J. **O currículo dente-de-sabre da Cartografia no Brasil: reflexões sobre a transmissão de saberes e fazeres no ensino superior**. In. Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas / Jussara Fraga Portugal, Simone Santos de Oliveira, Solange Lucas Ribeiro organizadoras. - Salvador: EDUFBA, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 5a. Reimpressão 1993.

KRYGIER, J.; WOOD, D. **A Visual Guide to Map Design for GIS**. New York: Guilford Press, 2005.

HARLEY, John B. **Deconstructing the map**. Cartographica 26, p.1-20. 1989.

Notas

ⁱ Estágio Operacional é uma maneira da prefeitura alertar a população em função da previsão e/ou ocorrência de chuva. <http://alertario.rio.rj.gov.br/alertas/estagio-operacional/saiba-mais-estagios/>

ⁱⁱ Também conhecidas como **imagens virais**. Visto a natureza do senso comum deste tipo de informação, buscou-se aqui o seu significado em um site wikipédia, ou seja, um local democrático, no qual a informação é posta sem necessidade de verificação ou validade, e por isso, cientificamente não é aceita. Deste modo, para o Wikipédia, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética.